



DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO E CULTURAL COMO CONTINGENTE DE INOVAÇÃO: O RELATO DO CASO DA ESTRATÉGIA SAÚDE FAMÍLIA- ESF COMO PROPULSOR INOVACIONAL DE UM BAIRRO EM UMA CIDADE DA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Estela Steinke¹, Jéssica Thaise Baumgarten²

¹Mestre em Desenvolvimento- UNIJUÍ- Ijuí- RS – Graduada em Administração-URI- Santo Ângelo-RS. Professora de Administração URI São Luiz Gonzaga-RS e SETREM- Três de Maio-RS.

²Pós-graduanda lato sensu em Gestão de Organização Pública em Saúde- UFSM- Santa Maria- RS. Graduada em Psicologia URI- Santo Ângelo- RS.

Resumo:

O desenvolvimento endógeno forma redes e inovações, quando as instituições e cidades configuram esses elementos capazes de explicar as externalidades benéficas do processo de forma ativa. O modo de vida do lugar/comunidade, as relações e representações, a identidade, a consciência, a identificação e a pertinência dos sujeitos aos grupos comunitários, segundo Góis (1993) faz parte dessas externalidades. A escolha do estudo sobre essa política de fortalecimento da Estratégia Saúde Família (ESF) é com base comparativa ao desenvolvimento endógeno com essas redes e inovações. Este estudo aborda de forma crítica os conceitos de cultura, desenvolvimento regional e endógeno bem como, os paradigmas de atuação que visam o desenvolvimento de uma comunidade local. O relato da experiência no ESF salienta de forma construtiva um caso simplista com ações inovadoras cotidianas de um local com interferência em âmbito regional, desencadeando o desenvolvimento endógeno. Considerando que a compreensão do contexto de vida dos usuários dos serviços de saúde e suas relações familiares são primordiais para que possam ser pensadas formas de atuação dos profissionais coerentes com a realidade, planejamento e ações considerando o modo de vida, ou seja, usar o sistema como propulsão da inovação em prol da comunidade local e regional.

Palavras-chave: Cultura. Desenvolvimento Endógeno. Estratégia Saúde Família. Inovação

Introdução:

O desenvolvimento endógeno baseia-se na execução de políticas de fortalecimento e qualificação das estruturas internas visando à consolidação do desenvolvimento local como um propulsor inovacional. Sendo um avanço da teoria regional, a teoria endógena considera a importância da sociedade e das relações sociais no processo de desenvolvimento da região.

Esse estudo visa a Estratégia Saúde da Família (ESF), considerado um campo fértil, pelas mudanças (ou necessidades de mudanças) de hábitos e de comportamentos decorrentes

das dificuldades do cotidiano da população usuária dos serviços de saúde (GÓIS, 2005), transformando a cultura de um local. Cultura é uma palavra cujo significado descende de cultivo e quer dizer: lavrar e desenvolver a terra. Ao longo do tempo, este significado passou a voltar-se para conhecimento, valores, ideologias, rituais de uma sociedade, ou ainda, segundo Srour (2006) as práticas recorrentes ao longo do tempo.

O objetivo desse estudo foi salientar que as ações inovadoras cotidianas de um local interferem na cultura local e da região, desencadeando o desenvolvimento endógeno. Partindo desse pressuposto, foi desenvolvido um relato presenciado do caso específico da Estratégia Saúde Família (ESF) de um bairro de uma cidade da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

A diretriz desse estudo procurou resgatar a origem e a trajetória, bem como delimitar o conceito de desenvolvimento endógeno e a cultura como propulsores inovacionais. A relevância em tratar deste tema está relacionada com o seu impacto e a sua importância para dinamizar a estrutura social de uma localidade da região. Por ser uma pesquisa bibliográfica e um relato de estudo de caso, fez-se neste estudo uma revisão das explicitações de alguns autores, visando assim, delimitar o assunto desenvolvimento endógeno e cultura.

Desenvolvimento:

Com o intuito da difusão e confirmação da propulsão inovacional, segue como diretriz do estudo o relato da Estratégia Saúde Família (ESF), bem como o paradoxo entre a pesquisa bibliográfica com os conceitos da cultura de um local, desenvolvimento regional e endógeno.

Relato da Estratégia Saúde Família (ESF)

O seguinte relato foi detalhado pela psicóloga do ESF. O território atendido pela Estratégia Saúde Família (ESF) trata-se de um bairro afastado do centro da cidade, onde se percebe muitas fragilidades a começar pelo acesso, existem também muitas famílias em situações adversas de vulnerabilidade, crianças e adolescentes com pouco amparo social. O bairro conta com a ESF e toda sua equipe incluindo as agentes comunitárias de saúde, que fazem juntos um trabalho consciente de prevenção e cuidado às famílias moradoras do bairro, o que propiciou melhorias na saúde dessa população, agregando ainda uma percepção diferente do contexto, sendo possível dar atenção especial a saúde mental e a vulnerabilidade em que se encontram. Para que haja uma boa relação entre a ESF e a população, torna-se de fundamental importância a presença do acolhimento que é feito sendo respeitando a singularidade de cada um entendendo o meio que os circundam além de se criar um vínculo e procurar ao máximo a resolutividade das questões que são confiadas. Assim a construção de uma integralidade do ser humano, deve ser pensada a partir de um entendimento do contexto histórico, cultural em que esses indivíduos estão constituídos e circundados.

O processo de inserção, contato e familiarização é o principal instrumento de informações e, além disso, torna a equipe referência próxima da população sendo essencial para a procura dos serviços de saúde e, à medida que estas vão sendo obtidas, delimitam aspectos e fenômenos possíveis para o desenvolvimento do trabalho de intervenção. Esses três elementos, juntos, funcionam como uma estratégia importante para a caracterização e o levantamento de informações sobre a realidade cotidiana dos moradores da comunidade. (FREITAS, 1998).

É importante não só o processo de inserção pela observação como também pela vivência no cotidiano dos moradores, com comprometimento. Segundo Freitas (1998), para uma inserção comprometida, é necessária uma relação aprofundada e as características da comunidade. Cada comunidade apresentará uma dinâmica de funcionamento com aspectos fundamentais para o trabalho, como: o contexto sociopolítico-geográfico, a influência do cenário dominante na vida diária e a forma como essa influência é entendida por seus membros.

Para essa inserção é necessário entender o local e saber sobre a comunidade, as ruas, o contexto apresentado e seus aspectos latentes, para isso, a observação da movimentação da ESF, entendendo as principais demandas da população atendida e mais efetivamente criando vínculos com as ACS (agentes comunitárias de saúde) que são moradoras do bairro e, além disso, tem o contato cotidiano com os mesmos, me possibilitando entender as demandas reais. A familiarização com as pessoas atendidas pela ESF é através das visitas domiciliares que são realizadas semanalmente sendo a forma mais concreta de se fazer presente verdadeiramente no contexto sócio-cultural das famílias é através delas que se pode verificar a realidade de perto, tendo além da fala do sujeito, possibilidade de ver o meio em que está inserido e perceber outros detalhes que são omitidos pela fala. O local onde a pessoa vive diz muito sobre o sujeito.

Segundo Albuquerque e Bosi (2009) a atenção às famílias e à comunidade é o objetivo central da visita domiciliar, sendo entendidas, família e comunidade, como entidades influenciadoras no processo de adoecer dos indivíduos, os quais são regidos pelas relações que estabelecem nos contextos em que estão inseridos. Compreender o contexto de vida dos usuários dos serviços de saúde e suas relações familiares é primordial para que possam ser pensadas formas de atuação dos profissionais coerentes com a realidade, planejamento as ações considerando o modo de vida e principalmente os recursos que cada família dispõe.

A cultura de um local

A cultura faz parte do desenvolvimento endógeno. Morgan (1996) frisa que a cultura refere-se ao padrão de desenvolvimento refletido nos sistemas sociais, ideologias, valores, leis e rituais quotidianos. Ou seja, neste paradigma a cultura é definida de acordo com os parâmetros do grupo, desde suas ideologias trazidas da família assim como o convívio social, da comunicação significativa, envolvendo uma forma comum de processamento de informações entre as pessoas que interagem, devido à dependência mútua dos mesmos, havendo uma definição comum de uma situação para o grupo.

Para Fleury e Fischer (1992), a cultura é um conjunto de valores que expressam simbolicamente os elementos a prática organizacional. Tem a capacidade de ordenar, atribuir significados e construir uma identidade organizacional (sendo essa percepção importante), tanto age como elemento de comunicação e consenso, como oculta e instrumentaliza as relações dominantes, ou seja, através de princípios próprios sua característica forte é a dominação. Funciona como um mecanismo de controle, aprovando ou proibindo informalmente, comportamentos, além de dar significado, direção e mobilização para seus integrantes.

Cultura é uma palavra cujo significado descende de cultivo e quer dizer: lavrar e desenvolver a terra. Ao longo do tempo, este significado passou a voltar-se para

conhecimento, valores, ideologias, rituais de uma sociedade, ou ainda, segundo Srour (2006) as práticas recorrentes ao longo do tempo.

Tais ideias apontam para o que comumente se entende por “estilos de vida”, definidos a partir de hábitos, costumes e crenças, compartilhados por membros de uma sociedade, que terminam por influenciar seus comportamentos e distingui-la de outra sociedade, mesmo sabendo da igualdade entre homens e mulheres do ponto de vista biológico. Assim, para Srour (2006), a cultura é aprendida, transmitida e partilhada, não decorrendo de uma herança biológica ou genética, mas resultante de uma aprendizagem socialmente condicionada.

O Conceito de Desenvolvimento

Existem vários conceitos de desenvolvimento gerados pela enorme gama de estudos acadêmicos sobre o assunto. Os conceitos sempre evoluíram e cada vez mais tem se evidenciado um fervilhamento de novas espécies de modelos de desenvolvimento explicados pela academia. Além de muito funcionais, essas definições podem clarear algumas ideias sobre os novos paradigmas acerca do tema. É relevante o comentário de que esses são tipos ideais e que quando o desenvolvimento for pensado de forma prática, os modelos devem ser visualizados de maneira abrangente, entrecruzando todos seus postulados.

Conforme Siedenberg (2004), o termo desenvolvimento tem lugar de destaque na atualidade, e se insere nas mais diversas áreas, principalmente dentro das discussões das políticas públicas. Apesar disso, há uma grande dificuldade conceitual em função de sua abrangência que no início estava fortemente vinculada as questões econômicas e atualmente assume outras dimensões, também ao que ele engloba ou como pode ser fomentado.

Recentemente as doutrinas que embasaram o imperialismo deram ao conceito de desenvolvimento mais uma faceta, a transição, significando que as antigas sociedades, ditas tradicionais foram ocidentalizadas, com os modelos culturais, econômicos e políticos, na busca desenfreada pelo progresso. Estes fenômenos criaram grandes contratempos devido às adaptações.

A partir da década de 50 o termo desenvolvimento encontra lugar de destaque nas ciências sociais aplicadas, fomentando a interdisciplinaridade, mas lembrando sempre que sua definição é relativa, pois se trata de um termo que depende de variáveis externas. Além dos diferentes significados adquiridos no transcorrer da história o desenvolvimento da humanidade pode ser constatado de forma incontestável nos avanços sociais, econômicos, políticos e técnicos.

Foi a partir do período pós II Guerra Mundial que a implementação de políticas de estratégias de desenvolvimento, bem como a discussão teórica assumiu lugar de destaque na academia, nos meios políticos e na mídia. Do ponto de vista histórico o conceito já sofreu diversas metamorfoses e várias transformações o que lhe garantiu longevidade. Mas, quando o conceito foi relacionado com meio ambiente, governança global, modelos de médio e longo alcance, o termo passou a ocupar um lugar de destaque também nas políticas públicas e na mídia.

Já o Desenvolvimento Regional refere-se à complexidade. Nessa espécie de desenvolvimento é necessária a combinação das dimensões espacial, social e individual. O desenvolvimento de uma região se deve então, à transformação do território em sujeito

coletivo, um processo de fortalecimento da sociedade civil, entendida como comunidade, indivíduos e região. (BOISIER, 1996).

Desenvolvimento Endógeno

Desenvolvimento Endógeno aborda em seu contexto questões econômicas, sociais, ambientais, culturais e políticas como sendo um processo que procura enfrentar a acumulação de capital e a dinâmica econômica vigente. No centro da discussão, portanto, estão os mecanismos que favorecem o desenvolvimento endógeno das redes, inovações, instituições e das cidades, configurando os elementos capazes de explicar as externalidades benéficas do processo, o exemplo da Estratégia Saúde Família (ESF) citado anteriormente que busca a promoção do desenvolvimento local tornando culturalmente inovador o sistema.

O século XXI inicia com a intensificação da globalização da economia e da sociedade e, portanto, com a expansão das relações econômicas, políticas e institucionais entre países. O processo de globalização acentua o sistema vigente e resulta no aumento da concorrência entre empresas e na formação de uma nova divisão internacional do trabalho, numa nova organização do sistema de cidades e regiões contribuindo para o aumento da pobreza no mundo.

As turbulências ocorridas no decorrer das últimas décadas acabaram por forçar sérias transformações quanto às teorias e políticas de desenvolvimento regional. A atual mudança de contexto e adaptação da linha produtiva internacional passou a ser estudadas sobre duas questões pertinentes, a sustentabilidade e a questão endógena.

A questão do desenvolvimento sustentável centra na sua linha de estudo a na relação simétrica relação entre os seres humanos e o meio ambiente, debatendo a importância desta relação. A preocupação se volta às gerações futuras e à eminente necessidade de políticas que direcionem a um desenvolvimento sustentável.

Segundo Barquero (2001), desenvolvimento endógeno é processo de crescimento econômico e mudança estrutural, liderado pela comunidade local, levando à melhoria do nível de vida. Este possui três dimensões: econômica, sistema específico de produção capaz de assegurar uso eficiente dos fatores produtivos e melhoria dos níveis de produtividade que garante competitividade; sociocultural, os atores econômicos e sociais se integram às instituições locais e formam um sistema de relações, que incorpora os valores da sociedade ao processo de desenvolvimento; e política, que se materializa em iniciativas locais, possibilitando a criação de um entorno local que incentiva a produção e favorece o desenvolvimento. A teoria endogenista identificou os fatores de produção decisivos: capital social, humano, conhecimento, pesquisa e desenvolvimento, informação e as instituições.

Barquero (1988) argumenta que o desenvolvimento regional endógeno, ao dar relevância à sociedade civil local e aos seus processos de organização e relação social permite que a região atinja um crescimento equilibrado e sustentado no longo prazo, sem conflito direto com a base social e cultural da região.

Dentro do atual contexto de mundo globalizado, questões fundamentais como iniciativa, estratégias de competitividade, formação de redes, a constituição de cadeias de valor, compreendem talvez os processos chave na caracterização de uma situação de desenvolvimento. Não há como desenvolver o local sem, contudo, partir do que se tem dentro

do território, ou, como diria Buarque, “o local não é sustentável se não encontrar espaços de competitividade e depender, de forma continuada e persistente, de subsídios e transferência de fora da região” (BUARQUE, 2006: 29).

Dentro das condições contemporâneas de globalização, tanto os aspectos motivadores quanto os que dão condição ao desenvolvimento local e endógeno não podem escapar do circuito global de acumulação que segue as regras pré-estabelecidas pelo grande capital. Assim, a noção do desenvolvimento endógeno baseia-se na execução de políticas de fortalecimento e qualificação das estruturas internas visando à consolidação do desenvolvimento local. Sendo um avanço da teoria regional, a teoria endógena considera a importância da sociedade e das relações sociais no processo desenvolvimento da região.

Considerações finais:

O relato da Estratégia saúde Família (ESF) confirma que a utilização de ações e recursos em prol do próprio desenvolvimento e crescimento depende apenas de uma comunidade organizada, a qual deve trabalhar unida pela busca das transformações e direcionamentos necessários, para uma melhor qualidade de vida, independente de organização política.

As ações inovadoras cotidianas de um local interferem na cultura local e da região, desencadeando o desenvolvimento endógeno. As concepções sobre a evolução do conceito de desenvolvimento, o qual é vinculado, não apenas com questões econômicas, mas também com aspectos sociais e ambientais, fornece embasamento para a discussão de desenvolvimento local, territorial e regional. Com o exposto sobre estas teorias pode-se chegar ao conceito de desenvolvimento endógeno, suas delimitações e contribuições para a melhoria da qualidade de vida, procurou-se evidenciar a importância das relações nas localidades e regiões.

Confirmando o exposto que a cultura faz parte do desenvolvimento endógeno, corrobora-se com Morgan (1996) frisa que a cultura refere-se ao padrão de desenvolvimento refletido nos sistemas sociais, ideologias, valores, leis e rituais quotidianos. Ou seja, neste paradigma a cultura é definida de acordo com os parâmetros do grupo, desde suas ideologias trazidas da família assim como o convívio social, da comunicação significativa, envolvendo uma forma comum de processamento de informações entre as pessoas que interagem, devido à dependência mútua dos mesmos, havendo uma definição comum de uma situação para o grupo.

O desenvolvimento econômico das regiões pode ser visto como um processo de desenvolvimento endógeno, uma forma de crescimento de dentro para fora, uma evolução interna e extrapola o recorte de seu local/região e atinge todo o meio. Disso decorre seu enfoque dirigido ao estudo e desenvolvimento de processos que impulsionam e elevam a acumulação de capital, respeitando as especificidades locais e ambientais, favorecendo a situação para que ocorra um desenvolvimento endógeno, as redes de cooperação, as inovações tecnológicas, e o crescimento e desenvolvimento de toda a região em questão.

No decorrer do estudo buscou-se expor a relevância dos conceitos do desenvolvimento endógeno em relação ao desenvolvimento de uma comunidade através de atores institucionais, onde se pode perceber o crescimento intelectual, econômico e social de um determinado espaço, o estudo foi baseado em um comparativo do relato da Estratégia Saúde Família (ESF), os conceitos de desenvolvimento em âmbito local, territorial, regional e o

principal endógeno, como referenciado no texto, pressupõe e trazem a tona pensamentos que nos fazem repensar sobre a reciprocidade, companheirismo, confiança, cooperação e solidariedade em benefício do bem-estar social, socioeconômico, político, cultural e ambiental do local.

Reiterando Srour (2006), a cultura é aprendida, transmitida e partilhada, não decorrendo de uma herança biológica ou genética, mas resultante de uma aprendizagem socialmente condicionada, complementando um processo de desenvolvimento endógeno inovacional, Barquero (1988) argumenta que o desenvolvimento regional endógeno, ao dar relevância à sociedade civil local e aos seus processos de organização e relação social permite que a região atinja um crescimento equilibrado e sustentado no longo prazo, sem conflito direto com a base social e cultural da região.

Este contexto alimenta uma nova sociedade que pode ter uma propulsão inovadora, com formas diferentes de organização e de representação dos diversos interesses, em função do próprio desenvolvimento local e político das diversas camadas sociais. Esta nova sociedade, por sua vez, exige novos comportamentos da esfera pública, um repensar e um novo direcionamento das políticas públicas, dos técnicos e das organizações civis, exigindo posturas mais dialógicas e consultivas em relação às necessidades de mudança e a escolha dos melhores caminhos para mudar, uma sociedade onde se exerça uma democracia deliberativa.

Referências bibliográficas:

- ALBUQUERQUE, B. B. A; BOSI, M. L. M. Visita domiciliar no âmbito da estratégia saúde da família: percepções de usuários no município de Fortaleza, Ceará, Brasil. **Cad. Saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 1103-1112, maio. 2009.
- BARQUERO, Antonio Vázquez. **Desarrollo local. Una estrategia de creación de empleo**. Madrid, Ed. Pirâmide, 1988.
- BARQUERO, Antonio Vázquez. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Tradução de Ricardo Brinco. – Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2001.
- BOISIER, Sérgio. Em busca do esquivo desenvolvimento regional: entre a caixa-preta e o projeto político. in: **Planejamento e políticas públicas**. nº 13 - jun. de 1996. p. 01 – 33. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/ppp/ppp13/boisier.pdf>
- BUARQUE, Sérgio C. **Desenvolvimento Local e Globalização**. In:BUARQUE, Sérgio C. Construindo o desenvolvimento local sustentável. Metodologia de Planejamento. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamound, 2006.
- FREITAS, M. F. Q. Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.11, n.1, p. 175-189, 1998.
- GÓIS, C. W. L. (2005). Psicologia comunitária: atividade e consciência. **Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais**, Fortaleza, 2005.
- SIEDENBERG, Dieter R.. **Desenvolvimento: ambigüidades de um conceito difuso**. In. Revista Desenvolvimento em Questão, nº 3. jan/jun 2004, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Gestão e Cidadania, da UNIJUI. 2004.
- SROUR, Robert Henry. **Poder, cultura e ética nas organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.